

Review

O espaço da ciência nos jornais

Marta Kanashiro

Nos últimos anos têm se proliferado no Brasil cursos, eventos e programas de incentivo ao jornalismo científico e a divulgação de ciência. Faz parte desse novo contexto, “Domingo é dia de ciência, história de um suplemento dos anos pós-guerra”, livro publicado este ano, a partir da pesquisa de mestrado do jornalista especialista em ciência, Bernardo Esteves.

O autor recupera e relata a história do suplemento “Ciência para todos”, publicado entre os anos de 1948 e 1953, pelo jornal brasileiro “A manhã” (Rio de Janeiro), relacionando esta iniciativa com um período de transição vivido no país. No âmbito da pesquisa científica e do ensino de ciências, o Brasil vivia a institucionalização da ciência, e na esfera do jornalismo, passava-se na época de um jornalismo artesanal para o jornalismo industrial.

Dividido em duas partes, o livro traz essas transformações nas primeiras cinquenta páginas, apresentando o que o autor denominou “panorama histórico do ambiente em que o suplemento foi lançado”. As cento e dez páginas seguintes ficaram reservadas à parte essencial de sua pesquisa, a avaliação de “Ciência para todos”.

Além dos números do suplemento, a pesquisa baseou-se em depoimentos de sua equipe de redação e de seus colaboradores, e em arquivos de instituições de ensino e pesquisa do Rio de Janeiro. O autor destaca que apesar de experiências de divulgação científica anteriores e paralelas ao “Ciência para todos”, o suplemento foi pioneiro no espaço (12 páginas) e na duração (5 anos) que ofereceu à abordagem da ciência no país. O pioneirismo da publicação também é destacado por Fernando de Sousa Reis, um dos antigos editores do suplemento que escreveu o prefácio do livro.

No que concerne ao levantamento de dados, o livro é bastante minucioso, trazendo medições e avaliações da estrutura da publicação, respondendo de forma precisa as perguntas iniciais da pesquisa sobre o suplemento, e equacionando de forma sucinta, mas interessante, os dados, a história da ciência, da comunicação de ciência, e do jornalismo no Brasil.

Há um certo sabor de nostalgia que permanece com o leitor durante as primeiras páginas escritas no prefácio e, mais adiante no livro, na descrição das seções e atividades do suplemento que se modificaram ao longo de seus cinco anos de existência. É interessante destacar que além dessas várias seções, ainda havia outras atividades que almejavam estimular o leitor e que eram patrocinadas pela publicação, como excursões e coleta de mudas no Jardim Botânico e na Floresta da Tijuca, sessões de cinema educativo e concursos de prêmios que distribuíam livros e viagens para aqueles que solucionassem corretamente questões de ciência.

Mas a importância do livro para a reflexão sobre atualidade acaba afastando qualquer sensação nostálgica, afinal, mais do que simplesmente valorizar experiências passadas, o que vale é compreender e analisar como ocorreram, ou o que significaram, inclusive relacionando-as com os dias de hoje. Já na contracapa do livro, Carla Almeida, pesquisadora da Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz - Rio de Janeiro) ressalta o “espaço” que a ciência deve ocupar na imprensa “em tempos de descobertas e tecnologias de impacto cada vez maiores sobre a natureza e o homem”.¹ Entendendo que esse espaço abarca também as formas como o conteúdo de ciência é expresso, pode-se dizer que o autor esboça essa reflexão sobre o período pós-guerra ao apontar a orientação editorial do suplemento e a característica governista do jornal, que abertamente refletia as opiniões do último período da ditadura Vargas. Vale registrar que, apesar das dificuldades financeiras, o suplemento sobreviveu após o fim do regime de Vargas.

De acordo com Esteves, a linha editorial do suplemento corroborava com a promoção da ciência no Brasil, estimulava a institucionalização da ciência e as atividades de pesquisa no país, imprimia um caráter didático na divulgação da ciência e uma visão positiva da ciência e do cientista, ecoando de forma clara o discurso dos cientistas, da academia e das instituições de pesquisa que estavam sendo criadas no país. Como é típico de períodos da divulgação da ciência com esse perfil, o autor nota a quase

ausência de um teor crítico com relação à ciência, destacando raras ocasiões em que apareceram polêmicas em torno da física nuclear e da guerra.

A esta altura, o leitor de “Domingo é dia de ciência” permanece com algumas questões, como, por exemplo, sobre a relação entre o didatismo no jornalismo científico ou na divulgação da ciência e a promoção da ciência no país, ou sobre como se articulavam os interesses nesse âmbito. Nesse sentido, apesar de não aprofundar a associação entre os elementos da orientação editorial da publicação, ou apresentar diretamente possíveis direções para se compreender as relações de poder associadas a tais elementos e a história da ciência no Brasil, o texto de Esteves pontua itens que acabam por provocar questões importantes, não apenas para a época pesquisada, mas também cruciais para a atualidade.

Em entrevistas que concedeu no Brasil acerca de seu livro, o autor afirma que no período pós-guerra havia uma efervescência da divulgação científica no país, algo que na opinião dele pode ser comparado ao que ocorre hoje. Nessa ocasião, Esteves acabou apontando uma outra linha de pesquisa também muito interessante, um estudo comparado poderia dar conta dos elementos de ruptura e continuidade entre um período e outro, estimulando de uma forma mais direta a reflexão sobre os dias de hoje.

Ancorado nas quatro ondas de divulgação científica de Martin Bauer² e no trabalho de Massarani e Moreira,³ o qual argumenta a similaridade desses ciclos, que ocorrem com um certo atraso no Brasil, Esteves identifica em “Ciências para todos”, um desses picos de aumento do espaço ocupado pela ciência nos jornais e acrescenta a esse panorama mais amplo, a preocupação local e institucional de popularizar a ciência em busca de reconhecimento e apoio na luta por recursos. A sensação de *déjà vu* às avessas oriunda da relação entre busca por apoio, reconhecimento e recursos e incentivo a divulgação científica talvez seja o fio da meada de um emaranhado que começa a ser desembaraçado e que pode recolocar questões como a mencionada acerca do didatismo no jornalismo científico.

Notas e referências bibliográficas

¹ Mas ao sublinhar essa importância, Carla Almeida acaba resvalando numa outra questão, aliás, um tanto polêmica, quando diz que “a população *bem informada* pode participar de decisões nesse campo”. Um debate deste tipo não está presente no livro e não parece ser meta da pesquisa de Bernardo Esteves.

² Bauer, Martin. “La longue durée” of popular science, 1830 – present. In: Devèze-Bethet, D. (Ed) *La promotion de la culture scientifique: ses acteurs e leurs logiques*. Paris: Publications de l’Université – Paris VII, 1998.

³ Moreira, Ildeu de Castro. Ondas históricas na divulgação científica no Brasil. Congresso Luso-Brasileiro de História da Ciência e da Técnica I, 2000, Évora, Avieiro.

Autora

Marta Kanashiro é socióloga e jornalista especializada em ciência. Mestre em sociologia, tem pesquisado questões relativas a novas tecnologias e tecnociência desde 2001. Nesta área, também atua como membro do grupo de pesquisa CTeMe (Conhecimento, Tecnologia e Mercado) (colocar link para www.ifch.unicamp.br/cteme). Na área de jornalismo científico, vem atuando como repórter, editora e pesquisadora desde 1999, junto ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp (Labjor). E-mail: mmk@unicamp.br.